

Para Brandão, governo tomou atitude coerente

**RIO
AGÊNCIA ESTADO**

O pedido de moratória formulado pelo Brasil ao Clube de Paris representa uma atitude coerente, para evitar qualquer discriminação para com os seus credores, segundo afirmou ontem, no Rio, o ex-presidente do Banco Central, Carlos Brandão. Para ele, "não tinha sentido o País dizer que não vai pagar sua dívida externa aos bancos privados e não adotar atitude idêntica em relação às instituições oficiais".

Observou que a decisão do governo brasileiro também está intimamente



Brandão: não há recursos

mente ligada à falta de disponibilidade de recursos. "Como não temos recursos, não seria lógico discriminarmos nossos credores pelo não pagamento da dívida." Segundo Brandão, o primeiro pedido de moratória do governo brasileiro foi dirigido justamente para quem tinha os créditos maiores, no caso os bancos privados, razão pela qual "não seria justo deixar de estender essa atitude aos credores oficiais".

Ele afirmou também que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, vai querer o endosso do FMI no seu plano de consistência macroeconômica, o que "não implicará aceitar os caminhos estabelecidos pelo fundo quando do governo da Velha República".

Já o vice-presidente executivo do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec), Paulo Guedes, disse que a extensão do pedido de moratória ao Clube de Paris foi muito mais em função da real falta de dinheiro. "O Brasil está com problemas de caixa e mandou parar o pagamento dos juros da dívida para as instituições financeiras oficiais, que, por sinal, sempre adotaram uma posição mais rígida com relação ao desempenho da nossa economia." Acrescentou que agora a situação da economia brasileira deve merecer muito mais atenções da sociedade e dos próprios credores. Segundo Guedes, essa preocupação poderá até levar o ministro da Fazenda a acatar certos princípios econômicos do FMI.